

Dizem que pontes servem para unir,  
Obra humana que aproxima distâncias,  
E que, por isso, pontes devemos construir,  
Ao invés de erguer muros com as mãos;

Eis aí, à margem do caminho, a cruz!  
Um símbolo da mais latente verdade,  
A gritar sobre os trilhos um grito frio,  
Ardente como a dor, gélido como a morte;

A cruz e a ponte, duas imagens históricas;  
A expressão do sacrifício do Deus encarnado,  
A metáfora da aproximação entre nós,  
A dor sentida na carne, no sangue derramado;

Esses mundos distantes, atravessados pelos trilhos,  
De Marabá, década de oitenta, rumo a Belém,  
De Belém a Marabá, sobre o rio Tocantins,  
Na emboscada, a ponte cheia, depois ninguém;

As mãos calejadas de garimpeiros,  
Os corpos sofridos de carregar sacas,  
Sangue contaminado pelo mercúrio,  
Desejo de família, vida que não basta;

As explosões, os tiros, as baionetas,  
Uma guerra de um “guerreiro” às avessas,  
Através da ordem expressa e sem medo  
Para que pessoas anônimas pudessem;

Não há direção segura, nem direita, nem esquerda,  
Nem para frente ou para trás,  
Debaixo o distante rio Tocantins e suas corredeiras,  
Acima o céu... Senhor, por nós rogai!

Corpos que correm, que sofrem,  
Que se engasgam com fumaça;  
Corpos que caem, que choram,  
Que se desesperam frente à desgraça!

Corpos que desabam, lançados da ponte,  
Carregados pelas águas barrentas,  
Amareladas e ensanguentadas águas,  
Águas sólidas e turvas, corpos adentro!

Para o capital e um governo servil,  
Não são vidas, nem famílias, são corpos,  
Corpos novos, velhos, pequenos, médios, grandes,  
Corpos grávidos e seus embriões!

Os trilhos da ponte foram testemunhas!  
As águas do Tocantins e suas pedras também!  
Afinal, quantos mortos se têm?  
Os ônibus e kombis que o digam no silêncio!

Ah, essa terra rica de minérios...!  
Esse solo pisoteado pela ganância de poderosos;  
Nas suas entranhas regadas pelo ouro, pelo ferro,  
Pelo mercúrio e, também, pelo sangue dos mortos;

Eis aí, em São Félix, a cruz;  
Eis aí, a ponte e seus trilhos;  
Eis aí, o rio Tocantins fluido;  
Almas que nos ouvem do paraíso;

Naquele dia, a ponte não uniu, dividiu;  
Naquele dia, vidas sucumbiram à covardia;  
Naquele dia, melhor seria um muro,  
Para a proteção das vidas que gemiam;

Eis aí, uma cruz na cabeceira da ponte!  
Símbolo de luta e também de resistência  
Para não deixar cair no esquecimento o sangue,  
Que lavou trilhos e, depois, foi levado pelas águas.

Autores:

José Edvaldo Sales

Joyce Ikeda

\* Uma homenagem aos garimpeiros mortos no dia 29 de dezembro de 1987 sobre a ponte do Rio Tocantins, em Marabá.